E as feromonas, a palavra das coisas transportada por substâncias voláteis, o *sinal*, a comunicação interindivíduo da mesma espécie, os atractores sexuais por excelência. Seja a formiga, a alga castanha, o bicho-da-seda, a traça ou a abelha.

A palavra das coisas é extremamente significante, principalmente quando respeita às coisas da vida.

O presente livro inscreve a Química na sua história. Insistindo, em primeiro lugar, no estatuto que herdou da alquimia, oferece uma perspectiva vasta e precisa da química contemporânea. Simultaneamente, vem mostrar que a Química é humana tanto nas aplicações práticas como nos passos conceptuais, tendo retirado da linguagem do quotidiano o próprio discurso. No auge de uma carreira docente internacional, o autor deixa-nos admirar as belezas da sua ciência e a simplicidade fundamental da sua linguagem, dando numerosos exemplos concretos da eficácia universal da Química.

Raquel Gonçalves
Professora Catedrática
do Departamento de Química da Faculdade
de Ciências da Universidade de Lisboa

Energetics of Organic Free Radicals

de J.A.Simões, Universidade de Lisboa, Portugal; J.F.Liebman, University of Maryland at Baltimore, USA; A.Greenberg, University of North Carolina at Charlotte, USA.

Chapman & Hall (Editores)

Este livro apresenta uma descrição crítica dos métodos usados para determinar a energia de radicais livres orgânicos, incluindo métodos em fase gasosa e em solução, calorimetria fotoacústica, técnicas electroquímicas e cálculos teóricos. Possui ainda uma revisão actualizada dos dados presentemente disponíveis. Este livro é destinado sobretudo a investigadores e alunos de final de licenciatura/doutoramento em química orgânica e bioquímica, mas é também um importante livro de referência para cientistas alimentares, químicos medicinais, cientistas de catálise e de estudos de superfície, cientistas de combustíveis e engenheiros químicos.

c o r r e s p o n d ê n c i a

Exmo Senhor
Director do Boletim da SPQ
Av. da República, 37-4°
1050 Lisboa

18 de Março de 1996

Em primeiro lugar gostaria de felicitar a SPQ pela produção de um excelente Boletim, certamente ao nível do melhor — em organização, conteúdo e grafismo — que se produz por essa Europa. Nestes aspectos, a única sugestão que me ocorre é a utilização dum corpo de letra maior (ou mais carregado), de modo a atenuar a preferência microscópica do design.

O último número publicado (Outubro-Dezembro 1995, n° 59) levanta, no entanto, alguns problemas de copyright para os quais gostaria de chamar a atenção.

O prato forte é, muito justamente, um belíssimo artigo de Ana Carneiro e A. M. Nunes dos Santos comemorando o centenário da morte de Pasteur. O artigo é ilustrado com duas estampas - um retrato informal do jovem Pasteur, mais outro (que também serve a capa) do cientista maduro no laboratório. Ambos são, do ponto de vista ilustrativo, aquilo que em design se chama 'arte'; no entanto são apresentados como obras anónimas, sem proveniência!

Mais grave - por se tratar de autor vivo - parece-me ser o caso da fotografia que acompanha o artigo sobre o Departamento de Engenharia Química do Instituto Superior Técnico. Reconheci-a como parte do projecto fotográfico ***ist,*** sobre o Instituto Superior Técnico, de Augusto Alves da Silva. Não foi pedida autorização ao autor e detentor do copyright para a sua publicação (1ª violação); o nome do fotógrafo não vem mencionado (2ª violação); a fotografia original é a côres e foi reproduzida a preto e branco (3ª violação); a fotografia foi cortada, destruindo por completo a sua estrutura gráfica e visual (4ª violação). Em qualquer país civilizado isto constitui um crime, punível por lei. Para mais, o nosso país tem a legislação mais avançada (isto é, mais apertada) em termos de direitos de autor! O que, aliás, não me surpreende, pois somos useiros e vezeiros a fazer legislação e estatutos que depois, na prática, ninguém aplica.

Assim como os nossos cientistas, novos e velhos, são muito ciosos em ver o seu nome debaixo dos títulos dos artigos (e quantas vezes se geram tricas e melindres só por causa da ordem dos nomes dos autores!), e seria impensável que um artigo científico aparecesse na literatura sem autor, também as fotografias têm dono, por mais banais e despretenciosas que pareçam (o que não é o caso em discussão). Também já é tempo de os designers e gráficos aprenderem que não têm a liberdade nem o direito de reenquadrar uma fotografia sem a autorização expressa do autor ou do detentor do copyright (a menos que a fotografia ou a obra de arte tenha caído no domínio público, o que é raro).

Com as minhas saudações científicas

Jorge Calado